

Cultura, identidades, classes: A busca conceitual inquieta de Alejandro Grimson^a

Culture, identities, and classes:

Alejandro Grimson's restless conceptual search

^a A entrevista foi realizada em Buenos Aires, com verbas do Programa Institucional de Internacionalização CAPES/PrInt, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Entrevista com

ALEJANDRO GRIMSON^b

Universidad Nacional de San Martín, San Martín, Buenos Aires, Argentina

por VENEZA MAYORA RONSINI^c

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

^b Professor do Instituto de Estudos Sociais Superiores (IDAES) da Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7177-4853>. E-mail: alegrimson2@gmail.com

^c Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Estágio Sênior na Loughborough University, em Londres, pelo CAPES PrInt/UFSM. Pesquisadora do CNPq. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8669-3148>. E-mail: venezar@gmail.com

A ENTREVISTA CONCEDIDA POR ALEJANDRO GRIMSON em um café do Bairro San Telmo, na cidade de Buenos Aires, é parte das atividades realizadas em missão acadêmica financiada pelo Programa Capes PrInt da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). São muitas as razões pelas quais a obra do entrevistado interessa a nós, comunicólogos. Vamos discorrer brevemente sobre elas a seguir, especificamente sobre seu olhar a respeito da cultura em diálogo com questões macrossociais, o que pode lançar insights sobre temas da comunicação, pelo interesse do autor na análise cultural da hegemonia.

Doutor em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB) e graduado em Comunicação pela Universidade de Buenos Aires (UBA), é pesquisador dos processos migratórios, movimentos sociais, culturas políticas, identidades e interculturalidade. Foi assessor presidencial e coordenador do programa Argentina Futura. É pesquisador do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) e professor do Instituto de Estudos Sociais Superiores (IDAES) da Universidad Nacional de San Martín (UNSAM). *Los límites de la cultura* foi distinguido na Latin American Studies Association (LASA) como o melhor livro publicado em espanhol em 2011. Entre suas demais obras, estão: *Mitomanías argentinas: Cómo hablamos de nosotros mismos*; *La nación en sus límites: Contrabandistas y exiliados en la frontera Argentina-Brasil*; *Pasiones nacionales: Política y cultura en Brasil y Argentina*; e *Mitomanías de los sexos*, em coautoria com Eleonor Faur.

A densidade teórica das obras de Grimson sobre os processos culturais se origina de questões centrais, categóricas ou práticas, escavadas do momento histórico nas quais se inscrevem. Por um lado, seu esforço de relacionar o objeto de estudo com processos socioculturais mais amplos é um dos grandes aprendizados para os estudos de recepção e consumo, sempre atentos aos contextos dos locais onde ocorrem; a cultura, para o autor, só pode ser compreendida a partir de processos políticos e sociais. Por outro, nossa análise cultural da hegemonia pode ser oxigenada com sua visão realista dos setores subalternos, que nos ensina a proteger os dados de “nossos desejos políticos”, como forma de evitarmos já enquadrar as práticas como formas de resistência e empoderamento. Não é surpresa que seu último livro reúna reflexões de vários autores sobre o tema das classes médias. Ele se conecta com sua temática das identidades, já que os processos de diferenciação identitária são interpretados em sua obra como um modo de articulação de desigualdades estruturais.

O autor deixa-nos a lição de que o objetivismo culturalista e o construtivismo pós-moderno necessitam de revisão; de que cultura não é o mesmo que identidades; e de que a fragmentação das identidades só pode ser estudada sem descurar o campo do poder. Para os estudos de recepção e consumo, diferenciar um conceito do outro implica prestar atenção tanto às relações entre mídia e “receptores” como parte dos processos de produção de desigualdades, e não somente de diferenciação, quanto às dissociações entre práticas e significados sedimentados, aliados aos sentimentos de pertencimento.

MATRIZES: O que te motivou a editar um livro e escrever sobre as classes médias?

Alejandro Grimson: Na metade da década passada, eu tinha começado a ver que, em países da América Latina, parte da população se autodefinia como sendo da classe média. Quando as pesquisas perguntavam, as pessoas se auto-percebiam como classe média alta, média ou média baixa. E, em países muito pobres da América Latina, ocorre a mesma coisa. Na teoria, se pensa que as pessoas mentem para si mesmas: são pobres, trabalhadoras, mas têm falsa consciência. Mas essa sociologia objetivista não leva em conta a linguagem. Então começamos a pesquisa sobre essas autopercepções, introduzindo a relevância da dimensão subjetiva. Eu mostrei, muito tempo atrás, que pessoas posicionadas em frações de classe com rendas variadas têm percepções muito diferentes em relação à renda que elas têm. A pesquisa avançou para mostrar que estava tendo processos de rebelião que tinham relação com a classe média: na Espanha, nos países árabes, na Ásia, na África, no Brasil, no Chile. Fizemos essa coletânea sobre as classes médias, a desigualdade, a política.

MATRIZES: Ao acompanhar as longas discussões sobre o conceito de classe, parece um pouco desolador atestar que existe pouco consenso entre o que considerar relevante para mapear as posições na estrutura social, quando, na verdade, existem metodologias da sociologia ocupacional que funcionam muito bem para classificá-las com base em critérios como ocupação, renda, capital cultural, consumo de bens e serviços, por exemplo. Qual é a sua experiência com essa questão na pesquisa empírica?

AG: Eu não questiono a sociologia ocupacional, que é uma subdisciplina da Sociologia. O que eu questiono é a sociologia objetivista que acha que a subjetividade não tem nada a ver com a verdade. Não precisamos discutir mais se a classificação é ou não importante. A discussão sobre os critérios de classificação é útil. O que nós queremos entender é qual a relação entre renda, patrimônio, nível educativo, etc. e a autopercepção. A gente não pode definir a vida social só com base nesses critérios.

MATRIZES: Por que acha que as pessoas não querem se identificar como classe trabalhadora?

AG: No livro *Que es el peronismo*, que eu publiquei em 2019, eu mostro que um dos problemas da teoria das classes é que a identidade de classe sempre foi pensada como exclusiva, mas em termos práticos isso não ocorre. Se um trabalhador vai no sindicato e faz greve, se percebe como trabalhador; ou vai fazer turismo na praia e se percebe como classe média. E isso não é uma contradição. Hoje tem uma crise da classe média em função do empobrecimento. Quando as pessoas têm um filho na universidade, elas mudam a percepção de classe. Ou um carro.

MATRIZES: Na história recente do Brasil, o Estado-nação e alguns institutos de pesquisa tentaram nos fazer acreditar que somos um país de classe média, classificando os indivíduos como “nova classe média” quando, na verdade, autores como Marcio Pochmann e Ricardo Antunes provaram que se tratava de uma classe trabalhadora. Como você avalia essas narrativas que medem o grau de desenvolvimento de um país pela ascensão (real ou fictícia) de grupos para classe média?

AG: Em parte, o Estado-nação constrói narrativas para sua própria legitimação. No caso de muitos países, como Argentina e Uruguai, a discussão era qual o país mais branco, porque era superior. Eu acho que, para o progressismo, a classe média é um problema muito grande porque tem uma tendência da esquerda de representar o lado mais explorado da sociedade. A única maneira de você continuar representando a sociedade é ter um discurso mais dinâmico, para que a esquerda tenha um projeto político. Você não

pode falar apenas sobre uma parte da sociedade. O neoliberalismo tem um discurso dirigido para a classe média, enquanto a esquerda rejeita moralmente a classe média, faz políticas para todos e também beneficia a classe média.

MATRIZES: Elísio Estanque aponta o radicalismo recente da classe média brasileira e portuguesa (2011-2013) com um dado que muda a ideia marxista de uma classe meramente individualista. Demoramos a perceber algo que já esteve presente na contracultura protagonizada pela classe média? Outros fenômenos, como segmentos do movimento ambientalista vinculados à classe média, poderiam também atestar essa capacidade “crítica” da classe média?

AG: O questionamento moral é inaceitável neste caso porque a participação da classe média tem sido fundamental também para fatos históricos importantes para a humanidade. Você só pode julgar uma pessoa por suas ações.

MATRIZES: O texto de Jess Auerbach sobre a classe média em Angola e Brasil fala da importância das redes digitais para as identidades de classe. Fiquei com a impressão de que a mídia não se confirma como algo relevante porque tive dificuldades em apontar coisas significativas sobre seu papel. Você poderia comentar suas impressões sobre essas relações?

AG: Eu acho que não se pode universalizar essa relação entre redes digitais e identidades. Depende do contexto. No início, o uso do computador, do smartphone e da rede era elitista. As novas tecnologias precisam ser investigadas. Eu mesmo não tenho pesquisa sobre isso.

MATRIZES: Você acha que a presença da mídia nas análises sociológicas aparece ainda de forma muito incipiente? Em caso positivo, você atribui a isso uma abordagem que ainda a percebe como um aparelho ideológico do Estado ou como instrumento da ideologia dominante, a exemplo da escola de Frankfurt?

AG: Eu não sei. Olha, tem Manuel Castells com grandes debates. E, por outro lado, acho que nunca se supera esse debate de Frankfurt. Por exemplo, o Héctor Schmucler, um dos fundadores do campo da comunicação na Argentina, diz que a história da teoria da comunicação no mundo é a história de relativização dos efeitos da mídia. Começa com a teoria hipodérmica e acaba falando em cultura, em um processo de várias décadas. Eu acho que ele gostaria de perguntar de um outro jeito; não de perguntar sobre o poder da mídia, mas sobre o impacto social da tecnologia e a relação entre tecnologia e sociedade. Os discípulos dele têm uma disciplina que ensinam na faculdade e se chama “Tecnologia e sociedade”.

Flavia Costa¹, muito próxima a ele, acaba de publicar *Tecnoceno*, essa época em que o ser humano deixou uma marca tecnológica no planeta.

MATRIZES: Você acha que a determinação da mídia nesses trabalhos é mais forte?

AG: O problema é definir o que é determinação. Na teoria clássica, é causalidade; para Raymond Williams, é delimitação. Mas ninguém pode dizer que a mídia não tem relevância, com a questão das fake news, do *Agenda Setting*, etc.

MATRIZES: Que aspectos você poderia comentar sobre as relações entre mídia e identidade nacional?

AG: Uma das coisas mais importantes da luta política na qual a mídia intervém hoje tem a ver com o que Goffman chama de construção de *frames*, ou seja, de marcas interpretativas. Quando você constrói um marco, a interpretação é outra dimensão da luta. Quando você está falando de Rede Globo, Folha de São Paulo, está falando de uma configuração brasileira, e que aqui [na Argentina] não tem influência nenhuma. Mesmo na globalização, você tem CNN. Você pode olhar todas as televisões, mas a CNN não tem relevância aqui. Mas a mídia concentrada aqui, sim.

MATRIZES: Creio que você contradiz boa parte da literatura sobre a globalização e o papel do Estado-nação.

AG: Sim, acho se pode dizer isso, porque é uma análise muito linear da globalização como se não tivesse contradições, níveis. A globalização está cheia de promessas não cumpridas, tanto sobre a fluidez das fronteiras, como sobre essa tese da aldeia global. Onde está essa aldeia global? Eu faço uma distinção, tanto em termos teóricos como políticos entre configuração nacional e Estado nacional. A configuração é o marco interpretativo, é a sedimentação histórica de um momento determinado, e o Estado-nação é uma possibilidade política. Se o Brasil elege o Lula, ele tem os recursos do Estado-nação. Sempre teve limites; não é somente agora, com a globalização, que existem limites para o Estado-nação. Tem macroeconomia, microeconomia, diplomacia, problemas típicos do Estado-nação: por que há países onde cresce a economia, e outros com recessão? Países em que sobe o salário, e em outros, não? Com investimentos em ciência e tecnologia, e outros não; com boa educação pública, e outros não? Porque existe o Estado-nação. Agora, a configuração é o espaço onde o sentido comum é disputado; onde a cultura, a mídia, os movimentos sociais, os partidos políticos, todos jogam lá, porque a configuração é o campo de interlocução. E o Estado-nação é o campo da ação neste nível. Tem outros níveis, como bairro, cidade.

¹ Flavia Costa é doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires, pesquisadora do Conselho nacional de investigações científica e técnicas (CONICET), que, em 2021, lançou o livro *Tecnoceno. Algoritmos, biohackers y nuevas formas de vida*. Na obra, destaca o desenvolvimento técnico e as infraestruturas que desencadearam um salto de escala em nossa relação com o meio ambiente, onde a escala é o planeta Terra. Utilizando-se da nomeação “tecnoceno”, do sociólogo português Hermínio Martins (1934-2015), a autora afirma que as tecnologias de informação digital são responsáveis por uma profunda tecnomorfia produzida na confluência do capitalismo, da tecnociência, da financeirização, da militarização e do extrativismo.

MATRIZES: Onde você coloca o nível das instituições?

AG: Tem instituições de diferentes níveis. Se você usa um critério de espaço, tem micro e macro: bairro, cidade, nação, a ONU etc. Pode ter outros critérios. Esse é só o de espaço. Você pode estudar muitas coisas a partir deste conceito de configuração: escola, hospital etc. Você tem heterogeneidade, conflito, desigualdade, código implícito. O que você pode reconstruir deste conflito, você pode estudar.

MATRIZES: Na introdução de *Los límites de la cultura*, você cita um trecho de Raymond Williams e sua defesa sobre a centralidade da produção cultural para o funcionamento social. Poderia comentar as implicações da afirmação “os trabalhadores da comunicação têm a capacidade de fazer pedaços o tecido inteiro da vida social”?

AG: Ele está tendo um diálogo com Perry Anderson, o historiador marxista, no livro *Politics and Letters*. Anderson diz para Williams que o peso da economia não é o mesmo que o da cultura, que uma greve dos mineiros é muito mais relevante que uma greve de jornalistas. E Williams responde que depende da situação, das prioridades da cultura. Se a cultura prioriza a energia, é uma priorização cultural, e não natural. Williams, no final dos 1970, ainda não podia saber o que iria acontecer com a mídia, mas ele responde de forma impressionante a uma perspectiva mais clássica. Quando só tinha jornalismo, sem redes sociais, uma greve de jornalistas poderia destruir o tecido social.

Outra coisa importante no Williams é que não tem nada fora da história. A determinação, a causalidade, está dentro da história. Voltando para essa frase, isso não é mais do mesmo jeito, porque hoje aparecem as redes sociais. Não sei como seria uma greve de jornalistas, qual o impacto.

MATRIZES: Mas, por outro lado, hoje a capacidade de dividir talvez seja maior porque há muita fragmentação, perda da potência do jornalismo profissional.

AG: Exatamente. Então tem que estudar essa contextualidade histórica.

MATRIZES: O conceito de configuração como uma articulação tem alguma aproximação com o de Norbert Elias?

AG: Tem a ver com ele. Quando eu estava escrevendo os limites da cultura, apareceu um problema assim, se cultura era adjetivo ou substantivo. Por exemplo, quando se fala em cultura como adjetivo, teríamos que usar um substantivo – constelação cultural, por exemplo. Só que as metáforas astronômicas não funcionam muito bem, porque uma constelação é um conjunto de unidades discretas; são coisas identificáveis, unidades onde as coisas podem

ser descobertas, formam figuras. Daí eu escolhi o termo “configuração” que está mais ligado à ideia do mapa, da representação cartográfica.

MATRIZes: Você poderia dar um exemplo para concretizar essa ideia da cultura como adjetivo e substantivo?

AG: A Lila Abu-Loghod diz, em outro texto dela, que o termo cultura foi usado para classificar, para separar, o que eu acho que pode ser uma visão parcial. Depois disso, nos anos 1990, teve grandes debates. Se fosse uma monarquia, poderíamos dizer que entre abolicionistas e reformistas: os primeiros diziam para matar o termo cultura; os reformistas diziam para mudar. O problema do substantivo é que você pode definir do jeito que você quiser, mas, ao se falar da cultura argentina, é muito difícil não substantivar. Quando você fala da configuração argentina, está falando não de uma coisa que existe; é uma forma de olhar a realidade. Você não tem configurações no mundo, mas ajuda a olhar a heterogeneidade, o conflito, a desigualdade, o campo de interlocução que você não consegue ver de outro jeito.

MATRIZes: Da sua experiência com Canclini e Barbero, o que destacaria sobre a contribuição de ambos para o campo da comunicação?

AG: O livro do Barbero, *De los medios a las mediaciones*, vai da mídia para a cultura. Na minha trajetória, isso foi muito importante. O Jesús Martín-Barbero escreveu o prólogo do meu primeiro livro; e eu e Canclini somos muito amigos. O Jesús foi pai fundador de um movimento teórico. E o Néstor passou pela comunicação, mas ele é multifacetado, ele faz uma análise muito abrangente. O que os dois têm em comum é a formação filosófica, o que fez com que as perguntas e as respostas tenham sido diferentes do que havia no campo da comunicação.

MATRIZes: No livro *Los límites de la cultura*, você menciona o estudo de Abu-Lughod com mulheres espectadoras de telenovela. Uma das análises da autora diz respeito à narrativa da novela permitir às mulheres refletir criticamente sobre a moral dominante de gênero. Na minha pesquisa com mulheres de diferentes classes, eu concluo algo semelhante sobre a mudança na moral sexual das classes trabalhadoras. Qual a importância que você atribui a essas análises para entendermos as configurações culturais e as identificações?

AG: Nesta pesquisa, eu sublinharia que uma autora feminista de uma telenovela que era interpretada por mulheres rurais de forma mais conservadora, o que inverte essa ideia clássica de que a telenovela é sempre mais conservadora que o receptor. Tinha mulheres em diferentes situações de casamento,

família, nível educativo e que interpretam a telenovela de forma diferente. Mas a questão da configuração é que essas interpretações não são incompreensíveis; estão discutindo entre si, fazem sentido. Um exemplo de interpretação incompreensível: uma empresa de bicicleta se instala na África e, a exemplo do que se faz com a publicidade de carros com felinos, coloca uma bicicleta com um sujeito fugindo de um felino. E cai a venda da bicicleta. São configurações que não dialogam porque o significado do felino é tão diferente que não sugere diferentes interpretações, é o oposto do que a empresa supõe. Temos aí uma fronteira de configuração, que é uma fronteira da rede de significação. Eu tentei mostrar em um trabalho meu que o limite da configuração é o limite em que o significante se transforma em falso cognato. Agora, quando a situação é de configuração compartilhada, voltando para Abu-Lughod, você tem heterogeneidade em diálogo, em conflito. Se tem conflito, tem diálogo.

MATRIZES: Você não acha que muitas vezes, nessas pesquisas de recepção, falta uma explicação para essas diferenças de interpretação em termos de estrutura social e cultural?

AG: Sim. Não sei se estrutura, mas perguntas sobre dimensões subjetivas e objetivas, formas de autoafiliação étnica, de gênero etc. Para mim, isto não está fora da história. Para mim, essas variáveis precisamos estudar, e não sabemos qual vamos encontrar no campo. Pode ser classe, gênero, idade. E hoje tem fronteiras de significação geracionais muito intensas, ou de gênero. Aí seria simplesmente dizer que essas coisas são mais relevantes agora? Ou seria mais que isso? O problema é que não tem nenhuma variável externa à situação; tem que entrar na situação. Mas não é um contextualismo sem teoria, e sim com uma teoria das múltiplas determinações que podem aparecer. ■

REFERÊNCIAS

- Guizardi, M., Grimson, A., & Merenson, S. (Eds.). (2023). *Middle class identities and social crisis: Cultural and political rebellion on the “Global Rebellion”*. Routledge.
- Grimson, A. (2019). *Mitomanías argentinas: Cómo hablamos de nosotros mismos*. Siglo XXI.
- Grimson, A. (2011). *Los límites de la cultura. Crítica de las teorías de la identidad*. Siglo XXI.

Artigo recebido em 10 de maio de 2023 e aprovado em 16 de fevereiro de 2024.